

RAMALHO, Christina (Org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999. (Coleção Embiara).

**Simone Caputo Gomes**

O volume *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*, organizado por Christina Ramalho, realiza com propriedade o objetivo da Coleção Embiara ao congregar professores e pesquisadores de vários centros universitários e núcleos de estudos sobre a mulher, apresentando suas contribuições como um verdadeiro convite para que o leitor os acompanhe nos debates sobre gênero e sexualidade que se desenrolam hoje, em âmbito internacional.

Documentando a vitalidade e refletindo a consolidação do campo de pesquisa, a coletânea expande e aprofunda as discussões em diversos níveis, constituindo um caleidoscópio rico pelas múltiplas e dialógicas visões do feminino que nos oferece. A complementaridade eficiente do binômio teoria-prática é outra qualidade que ressaltamos, pois que o edifício teórico que se constrói sobre questões como a literatura de autoria feminina, o(s) feminismo(s), a relação homem-mulher, o(s) feminino(s) e a(s) masculinidade(s) possíveis no nosso tempo vem “iluminado” por leituras críticas que se debruçam sobre um *corpus* variado em suas formas (poesia, narrativa, teatro, ensaio, crônica, crítica literária) e que se espalha para além da Literatura Brasileira, rumo a outros espaços de Língua Portuguesa.

Elódia Xavier (UFRJ), para iniciar a reflexão no campo teórico, indaga da validade da permanência do cânone em face da pluralidade cultural pós-moderna, ressaltando que as estratégias de leitura instrumentalizadas pela categoria de *gênero* apontam para um princípio revisionista, operando o resgate de obras tornadas invisíveis pela mediação crítica oficial.

Luiza Lobo (UFRJ) enfatiza a necessidade de uma nova óptica sobre a escritura de autoria feminina, que seja capaz de captar a pluralidade histórica da mulher. O feminismo, para a pesquisadora (e contista), deve ser compreendido como um caminho para a assunção de outro tipo de sociedade, mais dialógico.

Rita Terezinha Schmidt (UFRGS) vai proceder aos “*Recortes de uma história*”, a do Grupo de Trabalho “Mulher e Literatura” (ANPOLL) e de sua inserção no campo social. Cúmplices na denúncia do monopólio discursivo masculino, as participantes do GT geraram, a partir da reconstrução da subjetividade feminina e da reivindicação da visibilidade da mulher como produtora de discursos e saberes, um *locus* de enunciação que tem possibilitado a revisão da história literária, a reconceptualização de identidade e literatura nacional, a intervenção na economia central do humanismo liberal.

Maria Helena Mendonça (doutoranda da UFRJ) trabalha a questão da(s) identidade(s) em textos de Safo, de Christine de Pisan, de Nísia Floresta e Rachel de Queiroz, entre outras, com base numa discussão teórica sobre a sexualidade feminina

e no reconhecimento da participação da mulher como sujeito histórico, em diferentes contextos.

Márcia Cavendish Wanderley (UFF) dedica seu ensaio a Lúcia Miguel Pereira (*"Do conservadorismo ao liberalismo"*), a primeira mulher a lançar-se no território da crítica literária nacional; a autora nos mostra como Lúcia, dispondo inicialmente de um instrumental compromissado com uma metafísica cristã (preponderante na época), caminha lentamente para a utilização de um apoio teórico que busca recursos à história, à psicologia e à sociologia, contribuindo para saltos qualitativos no percurso crítico brasileiro.

Constância Lima Duarte (UFMG), pesquisadora da obra de Nísia Floresta, ao examinar os *Direitos das mulheres e injustiças dos homens* em comparação com *Vindication of the Rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, desvela o procedimento estratégico de Nísia ao se apropriar de idéias e adaptá-las à realidade brasileira, num projeto intencional e político de interferir na sociedade de seu tempo, denunciando a injustiça das relações sociais de gênero.

Angélica Soares (UFRJ) aborda a relação entre memória e poesia, marcando a substância social daquela e ressaltando, na poesia brasileira de autoria feminina (Adélia Prado e Marly de Oliveira), a individualização da memória comunitária por intermédio de recursos estilísticos que questionam a tradição patriarcal.

Ivia Alves (UFBA) levanta possíveis formas de resistência da literatura de autoria feminina, dirigindo o foco para a produção escrita por mulheres entre 1870 a 1910, período em que predomina a repressão dos sentimentos na era vitoriana. A autora procura desmascarar as estratégias relacionadas com a postura de "humildade" assumidas pelas escritoras da época, propondo sua leitura pelo avesso.

A poesia de Adélia Prado é colocada novamente em pauta no ensaio de Cimélio Senna (UVA), que orienta a sua reflexão crítica no sentido de ressaltar a "vivência erótica do cotidiano" no texto poético.

Anazildo Vasconcelos da Silva (UFRJ) vai realizar uma abordagem semiológica da questão feminista, com base na Teoria da Semiotização Literária do Discurso. Estende a discussão ao campo da MPB e assinala a presença da "voz feminina travestida na lírica de Chico Buarque" enquanto recurso poético para revelar o diálogo intertextual que funde *terra* e *mulher* no signo da *brasilidade*.

Helena Parente Cunha (UFRJ), pesquisadora e romancista premiada, conduz o leitor pelas vias da ficção e da poesia de autoria feminina dos anos 70 e 80 no Brasil. Percorrendo narrativas de Nélida Piñon, Lya Luft, Patrícia Bins e da própria Helena (romancista no espelho), a autora extrai delas um ponto comum – o binômio ousadia-culpa –, que vai dar lugar ao desejo sem culpa, dionisíaco, na poesia erótica de Olga Savary, Yêda Schmaltz, Gilka Bessa, Ilka Brunhilde de Laurito e Sônia Queiroz, entre outras.

Bella Josef (UFRJ) reflete aqui sobre a trajetória literária de *"Clarice Lispector e o ato de narrar"*, numa leitura de *Água viva*, *A hora da estrela* e *Um sopro de vida* que

compreende a escrita como processo de conscientização, mergulho introspectivo e descobrimento de verdade existencial, numa perspectiva ontológica.

Cláudia Castanheira, doutoranda da UFRJ, enriquece a visão sobre a obra de Clarice propondo-se a estudar *Perto do coração selvagem* e *O lustre* no que os textos representam de contribuição decisiva à questão dos gêneros: a construção de uma subjetividade, o processo de intervenção da subjetividade da mulher autora sobre a forma romance, o rompimento com o imobilismo da palavra-lei.

Eduardo de Assis Duarte, pesquisador da UFMG, opera na linha da desconstrução do discurso que inferioriza a mulher, tanto mais rica quanto menos se circunscreve a textos críticos de autoria feminina. Ao desmontar o romance de José de Alencar em *"Iracema: a expansão portuguesa sob o signo de Eva"*, Eduardo revela a constituição dramática da personagem, mediada pelo mito da Criação, e evidencia a faceta conservadora do texto, que insere a expansão colonial no campo das relações de gênero, mas reduplica o modelo sedimentado no Ocidente cristão (a Bíblia).

Regina Célia da Silva Andrade, retomando sua dissertação de Mestrado na UFRJ, estuda os romances de Patrícia Bins, dando relevo às questões da identidade (feminina e masculina) no mundo pós-moderno, à subversão, pela escrita feminina, dos papéis sexuais cristalizados na sociedade patriarcal, lançando propostas alternativas de organização social.

Geysa Silva (UFJF) acrescenta ao painel um novo procedimento, o lúdico, que acompanha a memória no desenho de uma subjetividade feminina. O humor, segundo a autora, instaura o desafio à realidade, o percurso do imaginário e o princípio do prazer, provocando catarse e empatia com outros elementos sociais postos à margem.

Recorrendo às relações entre ensaio e feminino /ensaio e feminismo, Izabel Brandão (UFAL) discute a questão da voz anti-autoritária no ensaio de Virgínia Woolf, afirmando que o gênero foi usado por Woolf de forma crítica, como modo de resistência e de defesa das minorias.

Finalmente Sonia Santos (FACIMA), doutoranda da UFRJ, apresenta-nos a narrativa da caboverdiana Dina Salústio em leitura crítica que dá ênfase à importância da mulher na produção da cultura crioula e à discussão do(s) feminino(s) / feminismo(s) e da(s) masculinidade(s) possíveis propostos pelo discurso literário no Arquipélago e para além dele, numa perspectiva a um só tempo nacional (da caboverdianidade) e universalizante.

Como procuramos pontuar, o presente volume oferece ao público um mosaico representativo do que se faz hoje de melhor em termos de texto literário, teoria e crítica de autoria feminina e sobre o estudo das relações de gênero no Brasil. Por sua abrangência e acuidade merecerá, com certeza, um lugar de destaque na bibliografia especializada sobre as ricas e complexas relações entre Literatura e Mulher.